

ENCONTROS COM A POTÊNCIA DE VIDA: GRUPOS EM MUSICOTERAPIA E MARACATU

Naomi M. Mundy Machado¹
Rosemyrian Cunha²

Resumo

Este trabalho teve por objetivo estudar as dinâmicas presentes nas práticas de grupos musicais. Participaram dois coletivos: um deles no contexto da musicoterapia e o outro da manifestação popular do maracatu de baque-virado. De caráter qualitativo, as entrevistas e observações de ensaios consistiram em uma primeira pesquisa que revelou que na dinâmica da Nação de Maracatu de baque-virado os participantes têm a oportunidade de reconstruir suas formas de relacionar-se com o outro e com a sociedade. Na sequência, a replicação desta pesquisa com um grupo aberto de musicoterapia mostrou que, a partir da música e seu potencial em reunir pessoas, formas de ser e estar no mundo são compartilhadas, tornando o grupo de musicoterapia um espaço de transformação.

Palavras chave: musicoterapia; processo grupal; maracatu.

Abstract

This work aimed to study the dynamics present in the practices of musical groups. Attended two collectives: one in the context of music therapy and other on popular manifestation of 'maracatu de baque-virado'. Qualitative, interviews and observations of trials consisted of an initial survey which revealed that the dynamics of Maracatu Nation, participants have the opportunity to rebuild their ways of relating with each other and with the 'outside world'. Following, the replication of this study with an open group music therapy showed that, from the music and its potential to bring people together, different ways of life and ways of being in the world are shared, making the group of music therapy a transformation space.

Key-words: Music-therapy; Group Process; Maracatu.

¹ Graduanda em Musicoterapia na Faculdade de Artes do Paraná. Musico-percussionista, participa do Maracatu Nação em Recife desde 2008, além de grupos percussivos de maracatu desde 2007. naomimundy@hotmail.com.

² Doutora em Educação pela UFPR, professora da Faculdade de Artes do Paraná no curso de Musicoterapia.

INTRODUÇÃO

Nestes últimos quatro anos, época em que me graduava em Musicoterapia, me atraiu e chamou atenção à participação e condução de práticas musicoterapêuticas em grupo. As dinâmicas grupais que emergem por meio da música sempre se destacaram como ponto de meu interesse e curiosidade. Em paralelo à formação em Musicoterapia, também participei, nos últimos seis anos, do Maracatu de Baque-virado diretamente em sua fonte (Recife - PE) e em grupos percussivos do sudeste. Então, no decorrer da formação, comecei a notar que haviam alguns pontos de convergência entre as práticas musicoterapêuticas e musico-percussivas em que estava imersa. Me parecia que, tanto na Musicoterapia grupal quanto no grupo de Maracatu, algumas de suas características musicais e comunitárias poderiam ser importantes para a criação do ambiente de interação entre os praticantes e a coesão grupal que se faz presente nessas práticas.

Nos grupos de musicoterapia dos quais participei ou coordenei, a expressão musical e corporal dos participantes parecia ser um elemento facilitador do estabelecimento do processo de coesão grupal e das trocas comunicativas entre eles. Da mesma forma, ao praticar o Maracatu de Baque-virado, parecia que os participantes o realizavam em um processo grupal que, ainda que imperceptível para muitos, possibilitavam a expressão musical e corporal desses sujeitos e, por consequência, a comunicação e a coesão grupal – que, neste caso, se estendia para além da própria prática musical.

Então, para conhecer melhor algumas dessas dinâmicas, iniciei uma pesquisa de campo, através do Programa de Iniciação Científica (PIC) – com apoio da Fundação Araucária - com uma Nação de Maracatu de Baque-virado na zona norte de Recife. A pesquisa foi baseada em entrevistas semi-estruturadas e observação participante, com o objetivo de compreender quais eram as dinâmicas grupais que envolviam o Maracatu de Baque-virado.

O Maracatu de baque-virado (ou Maracatu Nação) é uma manifestação popular que surgiu em meados do século XVII e XVIII com a vinda dos negros, e consequente período escravocrata no Brasil. De acordo com Guerra Peixe (1980) o Maracatu tem provável origem na cerimônia de instituição (ou coroação) do Rei do Congo. Essa cerimônia representava, com características

de uma corte Europeia, a coroação de um negro como Rei. No século XX, os Maracatus Nação passaram a ser considerados sociedades carnavalescas, passando também a competir nos concursos carnavalescos. Durante esse processo, tornou-se um dos símbolos do folclore pernambucano (GUERRA PEIXE, 1980).

Comunidades que acolhem o Maracatu, de certa forma, também se apropriam dele como manifestação cultural que representa aquele agrupamento. Ser “Cultura” significa, de acordo com Tylor (1871), que essa *performance* musical não é apenas uma reunião de pessoas para produzir músicas naquele grupo, mas, para além disso, é produto de processos sociais e culturais, “(...) o resultado material das capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade” (p.204). Ainda, o Maracatu mostrou-se um espaço de reconstrução pessoal e comunitária, no qual foi possível se repensar valores, saberes, vivências e a própria consciência do eu e do eu-em-relação.

O resultado desta pesquisa mostrou que diversas dinâmicas sociais, culturais e comunitárias se fazem presente na prática do Maracatu³. Restava, então, investigar se, nas práticas grupais musicoterapêuticas de contexto social, esses fatores também se manifestavam. Este questionamento me levou a continuar a pesquisa no contexto de práticas musicais coletivas, instigada por conhecer aspectos que identificavam a dinâmica grupal de um grupo musicoterapêutico.

A pesquisa aqui presente, portanto, buscou investigar, a partir da mesma metodologia aplicada no estudo anterior, quais os elementos da interação social e musical que se fazem presentes no decorrer de encontros grupais de Musicoterapia. Com os resultados obtidos, foi possível fazer um paralelo entre a prática coletiva do maracatu e da musicoterapia, de forma a perceber a existência, ou não, de relações entre esses dois tipos de processos grupais.

³Como resultado da pesquisa foi escrito o artigo “Resistência, Sobrevivência e Celebração: Maracatu de Baque Virado” (MACHADO; CUNHA, não publicado, 2013).

REVISÃO DE LITERATURA

A musicoterapia é um campo científico teórico-prático em que intervenções musicais e corporais são utilizadas como meio de proporcionar aos sujeitos participantes a apropriação da consciência de si (CUNHA, 2013). Como campo teórico, tem como propósito estudar o ser humano e suas manifestações sonoras, interações musicais e relações interpessoais. Barcellos, citada por Bruscia, define a musicoterapia como

(...) a utilização da música e/ou seus elementos integrantes como objeto intermediário de uma relação que permite o desenvolvimento de um processo terapêutico, mobilizando reações biopsicossociais no indivíduo com o propósito de minimizar seus problemas e facilitar sua integração/reintegração no ambiente social normal. (BRUSCIA, 2000, p.274).

Uma das formas de abordagem das práticas na musicoterapia é a grupal. De acordo com Pelosi (2000), o ser humano é um ser que, por natureza, só existe (ou subsiste) em função dos seus inter-relacionamentos. Isso porque somos naturalmente gregários, buscamos desde nosso nascimento a participação em diferentes grupos – vivendo uma constante dialética entre a busca da identidade individual e da identidade grupal ou social. Sendo assim, passamos grande parte de nossa vida convivendo e interagindo com diferentes grupos – família, escolas, trabalhos.

Buscando referências sobre o que já foi escrito sobre as práticas musicoterapêuticas em grupo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica nos Anais de Fóruns e Revistas Brasileiras de Musicoterapia, abrangendo o período de 1999 a 2013. Nesta busca, foram encontrados artigos (SAKAI; MENDAGA, 2007; BRANDALISE, 2012) que interseccionam musicoterapia e psicologia em processos grupais, porém pouco discorrendo sobre as dinâmicas musicais vivenciadas pelos participantes. Em estudos mais recentes, verificou-se o aprofundamento nas pesquisas acerca de dinâmicas grupais na musicoterapia (BATISTA, CUNHA, 2009; CUNHA, 2011; ALMEIDA, ZANINI, SILVA, SANTOS, 2012). Os artigos encontrados apresentam reflexões baseadas na vivência prática da musicoterapia em grupos inseridos em

contextos maiores, recorrendo sobre a formação dos grupos a partir da observação e análise do contexto pesquisado.

Dessa forma, alguns autores abordam práticas grupais em musicoterapia de uma forma teórica, além de utilizarem referenciais de outros campos como a psicologia; enquanto outros se dedicaram a analisar as dinâmicas grupais em musicoterapia a partir da coleta de dados e análise teórica, reunindo assim teoria e prática. No entanto, percebeu-se que os estudos que partem da prática musicoterapêutica ainda são recentes e escassos, constituindo uma lacuna no que se refere à análise teórica das práticas grupais na Musicoterapia, principalmente quanto aos produtos musicais construídos nas mesmas. O presente trabalho buscou, então, estudar as dinâmicas presentes nas práticas dos grupos estudados nesta pesquisa – maracatu e musicoterapia.

FORMAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE GRUPOS

Os grupos com os quais convivemos, no decorrer da vida, podem ser subdivididos conforme critérios que os distinguem entre pequenos, grandes ou agrupamentos, principalmente no que se refere a um trabalho terapêutico (PELOSI, 2000). De acordo com a autora, é importante entender que um agrupamento é um conjunto de pessoas que convivem em um mesmo espaço, possuem interesses em comum, mas não têm vínculos emocionais – sendo, portanto, um coletivo com potencial para ser grupo. Já para a definição de grupo, pode-se destacar como características importantes para este estudo as seguintes:

- a. Um grupo possui leis e mecanismos próprios e específicos, sendo assim uma nova entidade;
- b. Os indivíduos de um grupo reúnem-se em torno de tarefas e objetivos comuns.
- c. Um grupo é uma unidade e se manifesta como uma totalidade.
- d. As identidades específicas de cada indivíduo permanecem preservadas.
- e. Existe interação afetiva – ou seja, vínculos – entre os indivíduos do grupo. (PELOSI, 2000, p.67)

No contexto da Musicoterapia, Pavlicevic (2006) complementa que a instituição dos grupos ocorre de acordo com diferentes critérios e contextos: se o grupo é aberto ou fechado, se tem duração longa ou curta, quem são os membros e quais os objetivos dele. A autora discorre que, em primeiro lugar, é importante considerar que um grupo sempre existe dentro de um contexto maior – a comunidade escolar, hospitalar, universitária, igreja, etc. Isso ajuda a entender dinâmicas grupais que se sucedem no trabalho terapêutico. Então, para se entender o contexto dos grupos, é preciso também compreender quem são os indivíduos pertencentes a eles, onde estão inseridos e quais os objetivos que unem os indivíduos neste grupo específico.

No caso do grupo musicoterapêutico aqui estudado, os indivíduos se reuniam com o objetivo de experienciar música em um coletivo, expandindo assim suas redes sócio-afetivas e espaços de interação social. Por ser um grupo aberto, interseccionava diferentes círculos sociais – estudantes, professores, famílias e pessoas de diferentes contextos sócio-culturais. Os participantes eram convidados para o trabalho coletivo que acontecia uma vez por mês, mas não havia controle e nem obrigatoriedade de presença. De acordo com Pavlicevic (2006), um grupo aberto se caracteriza por não estabelecer participantes fixos, ou seja, da mesma forma que as pessoas vêm até ele, também deixam de ir a ele. Segundo a autora, não se deve criar expectativas quanto à participação dos sujeitos nele, porém, o grupo sempre está ali, no mesmo lugar, dentro do mesmo certo período de tempo – e isto faz com que as pessoas mantenham o grupo em mente.

Ruud (1998) complementa discorrendo sobre o sentimento de pertencimento ao grupo. De acordo com o autor, o grupo ocorre em uma dimensão geográfica e histórica, dando a sensação de estar ‘em casa’.

Nosso senso de identificação histórica envolve nossas raízes tanto na história como na contemporaneidade. A identificação com a história musical do grupo oferece a noção de que fazemos parte de uma narrativa musical mais ampla, de que dividimos experiências com a comunidade e que somos próximos dos outros participantes. (RUUD, 1998, p.64)⁴

⁴ Tradução livre de Rosemyriam Cunha.

Sendo assim, um coletivo pode estar imerso em um contexto comunitário, o que implica a participação intensa da comunidade que o acolhe. De acordo com Celia (1997), a participação comunitária “(...) envolve um grupo de pessoas que se reúnem em busca de algo comum”, busca essa que está ligada a seus desejos e necessidades, exercendo assim de maneira mais plena sua cidadania e obtendo maior qualidade de vida. O resultado desse envolvimento, segundo o autor, é uma força “(...) que deriva da própria emergência de seus potenciais, pois, não fosse assim, essas famílias desfavorecidas não conseguiriam sobreviver” (p.103).

Nos grupos musicoterapêuticos, principalmente nos de caráter social ou comunitários, as experiências musicais coletivas atuam de forma a fortalecer os participantes, proporcionando-os a possibilidade da construção de novas estratégias de vida. A prática musical é então um agente intensificador de convívio social, e uma vez que o cotidiano daqueles que participam do grupo é um lugar de diversos processos de construção de sentidos, a cultura passa a ser uma espécie de “fornecedora” de “(...) dispositivos com os quais as pessoas constroem a vida cotidiana, elementos estes que se diferenciam conforme os contextos históricos e sociais.” (CUNHA, PACHECO, 2011a, p.5).

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A metodologia desta pesquisa constituiu-se na replicação da pesquisa realizada com os componentes do Maracatu de baque-virado. Essa replicação foi prevista no projeto de pesquisa, e seguiu o objetivo de entender detalhes das dinâmicas de ambos os grupos: maracatu e musicoterapêutico. Sendo assim, trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo. Pope e Mays (2009) enfatizam que a pesquisa qualitativa possibilita o acesso aos significados que os sujeitos atribuem às suas experiências sociais, às formas de compreender o mundo, buscando interpretar os fenômenos sociais em suas interações, comportamentos, significações. Segundo Minayo e Sanches (1993), a investigação qualitativa trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e

processos particulares e específicos a indivíduos e grupos. Minayo (1992, p.21-22) ainda discorre que

(...) a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O grupo aqui pesquisado reunia-se em uma instituição estadual de ensino superior situada na região central de Curitiba. O trabalho grupal acontecia uma vez por mês, em encontros com duração de aproximadamente duas horas. O grupo era aberto à comunidade – isto é, aberto não só aos participantes do Centro de Atendimentos e Estudos em Musicoterapia⁵, mas também para familiares, amigos ou interessados em participar de atividades musicais no contexto musicoterapêutico. Além disso, o grupo, na sua origem, foi constituído para atender à demanda, de alguns dos participantes do Centro de Atendimento em Musicoterapia, de interagir socialmente com pessoas de idade próxima às deles, de forma a diminuir pautas de isolamento. Por esta razão, o principal objetivo do grupo era o de oportunizar à comunidade a vivência de experiências musicais grupais com caráter musicoterapêutico, além de proporcionar aos alunos a articulação entre teoria e prática musicoterapêutica (CUNHA, 2013).

Pessoalmente e academicamente, a minha participação no grupo de musicoterapia ocorreu desde o ano de 2012, tendo participado de uma média de catorze encontros. Porém, para a construção dos dados desta pesquisa dois encontros realizados no ano de 2013 foram considerados. Nestes dois encontros, a postura adotada foi a da observação participante. A intenção foi a de observar e vivenciar as dinâmicas, interações e intervenções que ocorreram durante a ação musicoterapêutica grupal. Os fatos observados foram descritos em um diário de campo para posterior análise.

⁵ O Centro de Atendimentos e Estudos em Musicoterapia (CAEMT) – um órgão vinculado à instituição de ensino aqui citada - oferecia atendimentos musicoterapêuticos à comunidade em geral – pessoas da sociedade civil curitibana que buscam melhorias, atendimentos e cuidados de saúde de âmbito musicoterapêutico (CUNHA, 2013).

Na observação participante, o pesquisador entra em contato direto com o fenômeno estudado, adentrando desta forma o contexto em que os sujeitos estão inseridos – o que permite que um maior número de informações sobre o cotidiano e a realidade deles. Essas informações, colhidas em campo através da imersão do pesquisador no universo pesquisado, foram registradas em um diário de campo – um instrumento importante na pesquisa, pois nele

(...) constam todas as informações que não sejam o registro das entrevistas formais. Ou seja, observações sobre conversas informais, comportamentos, cerimoniais, festas, instituições, gestos, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa. Falas, comportamentos, hábitos, usos, costumes, celebrações e instituições compõem o quadro das representações sociais. (MINAYO, 1992, p.100)

Também foram realizadas entrevistas individuais com seis participantes do grupo, mantendo a replicação da metodologia de pesquisa anterior, sendo que os critérios de seleção permearam a diversidade dos participantes e a busca de diferentes opiniões (diferentes sexos, diferentes faixas etárias, participação ou não dos atendimentos no Centro de Atendimento da universidade). Buscou-se encontrar, nas diferenças entre os entrevistados, uma maior amplitude de entendimento dos sentidos e significados construídos na prática musical da musicoterapia. Assim, os seis respondentes caracterizavam-se por serem participantes do Grupo Aberto de Musicoterapia, sendo quatro homens e três mulheres, com faixa etária entre 25 e 75 anos. Quanto à ocupação, os entrevistados eram estudantes da instituição onde ocorriam os encontros, profissionais autônomos e aposentados. Além disso, diferentes demandas de saúde os levaram a buscar a musicoterapia – como, por exemplo, a estimulação motora, a estimulação cognitiva, a busca por desenvolvimento pessoal ou o apoio para problemas emocionais.

Durante as entrevistas, buscou-se deixar o respondente à vontade para falar sobre suas experiências, motivações e buscas na musicoterapia, sem insistir ou aprofundar as respostas. As questões sondavam, dentro da história de cada um, quais eram as relações, motivações, paixões e valores que cada qual construiu e valorizou ao tomar parte das ações grupais de musicoterapia, mais especificamente no grupo aberto. Exatamente por tocar em questões pessoais, antes da entrevista os participantes foram solicitados a assinar um termo de

consentimento livre e esclarecido – que foi aprovado por um comitê de ética sob o número 10886712.0.0000.0094. Dessa forma, em respeito aos participantes e em cumprimento do termo de consentimento, os nomes apresentados neste trabalho são fictícios.

O roteiro das entrevistas foi composto por questões que abordaram: 1) Nome, idade e local de nascimento; 2) Como, quando e porque entrou no grupo aberto de Musicoterapia; 3) O que chamou mais atenção para tomar a decisão de entrar no grupo musicoterapia; 4) Se já vivenciou música antes da musicoterapia; 5) Sobre o significado da prática da musicoterapia e a importância dessa prática no cotidiano; 6) Sobre mudanças no cotidiano após a adesão ao grupo de musicoterapia e de que forma ela ajuda neste cotidiano (comunitário e pessoal).

As entrevistas constituem outra ferramenta importante para a pesquisa de campo. De acordo com Minayo (1992), elas são uma fonte importante de dados que se referem não só às ideias, pensamentos e maneiras de pensar, opiniões, sentimentos e maneiras de sentir, mas também “(...) razões conscientes ou inconscientes de determinadas crenças, sentimentos, maneiras de atuar ou comportamentos” (p.118) desses sujeitos ou contexto estudado. Ainda de acordo com a autora, as entrevistas que utilizam de questões abertas (semi-estruturadas) dão ao sujeito liberdade para abordar o assunto, colocando seu ponto de vista pessoal e suas opiniões, valores, crenças ou atitudes.

A análise dos dados constou da transcrição das entrevistas, e de leituras e releituras das respostas obtidas para encontrar temas recorrentes. As anotações feitas no diário de campo também foram categorizadas. A partir dos elementos recorrentes e comuns entre as entrevistas e caderno de campo, foram realizados agrupamentos temáticos para a análise comparativa com os dados encontrados na pesquisa anterior. O resultado encontrado passa a ser discutido a seguir.

DISCUSSÃO DOS DADOS

Assim como na categorização e análise da pesquisa sobre o Maracatu, também nesta pesquisa o processo de ler e reler as falas dos participantes provocou a lembrança dos momentos da intervenção. Algumas reações foram marcantes, como quando às vezes as respostas demoravam a ser estruturadas - pois era quase visível o movimento de lembrar e reviver sentimentos e fatos pelos respondentes. No conjunto das respostas dos participantes do grupo aberto de musicoterapia, destacaram-se os temas “redes sociais”, “afeto e envolvimento” e “musicoterapia/música como espaço de transformação”. Chamou a atenção o fato de que os temas destacados estavam interligados, muitas vezes em uma mesma resposta, durante os depoimentos. Dessa forma, para melhor organizar os assuntos, estes foram dispostos a seguir.

Nos depoimentos, a participação no grupo musicoterapêutico e os motivos que levaram os entrevistados a optarem por essa participação, quase sempre envolveu convites, a possibilidade de formar novos laços, de integrar um espaço de interação. As anotações do diário de campo corroboram as respostas obtidas, uma vez que as dinâmicas nele descritas estavam permeadas pelo relacionar-se naquele espaço.

“Ah, eu fui chamado pela R., né?” (Paulo)

“Entreí no encontro aberto no ano 2013 através de um convite” (Iuri)

“Me chamaram e, como eu estava fazendo musicoterapia, resolvi vir ver como que era, né?” (Pedro)

“Vivenciar momentos de encontro entre pessoas, a possibilidade de trocas em vários níveis e enriquecimento pessoal para todos os participantes através da música” (Milena)

“As pessoas. É o carisma das pessoas. Não importa se você é autista, não importa se você tem síndrome de down, não importa se você tem qualquer retardo, qualquer coisa especial. Você é igual. Aqui vocês não fazem a diferença, e da mesma forma que você fala com um, você fala com o outro.” (Iris)

“Enquanto as pessoas iam chegando no grupo, se acomodavam em seus lugares e conversavam. Muitos pareciam já se conhecer, cumprimentando-se calorosamente e trocando gestos de gentileza. O acolhimento pareceu ser intenso, e mesmo quando pessoas novas

entravam no auditório, sempre havia alguém do grupo para receber, acolher, dar as boas vindas” (Caderno de campo)

Nesses depoimentos foi possível perceber que houve resposta à demanda inicial do grupo aberto – a criação de novos espaços para interação social. Essa demanda parece surgir como um dos efeitos dos avanços tecnológicos que a sociedade vem passando – o que, de acordo com Maheirie (2003), revela diversas complexidades e antagonismos nos processos econômico-político-sociais. De acordo com a autora, dentre os efeitos desses processos, em âmbito psicossocial, “(...) é possível visualizar a produção de um sujeito que vive isolado e, conseqüentemente, se compreende sozinho, fechado sobre si mesmo” (p.233). Este isolamento impede que o sujeito construa laços comunitários, importantes para a construção de sentidos e significados no cotidiano. É no espaço cotidiano e coletivo que as crenças, valores e processos pessoais são significados – através da interação e comunicação. Sem o ambiente interativo, torna-se difícil construir identidade e estabelecer normas e instruções sociais (CUNHA; PACHECO, 2011a)

É importante também lembrar que o grupo aberto de musicoterapia estava permeado pela música, tanto que pode ter influenciado a agregação dos indivíduos em um grupo e facilitado ações. Travassos (2007) discorre sobre esse aspecto ao dizer que pode ser uma “(...) evidência da capacidade humana de entrar em fluxos intersubjetivos”. A autora desenvolve: “(...) a música em conjunto supõe uma sintonização mútua (mutual tuning-in) não-verbal (...)” (p.199).

Por ser uma ação que nos envolve de maneira espontânea, a música nos atinge afetivamente (MAHEIRIE, 2003) e, talvez por isso, muitas das opiniões envolveram um estado afetivo intenso dos entrevistados. Quando discorriam sobre os motivos de participar do grupo, e o que mais lhes era importante naquele encontro, a maioria dos entrevistados demonstrou dificuldade em encontrar palavras que expressassem os sentimentos e afetos que emergiram no decorrer da entrevista.

“Significa uma...(silêncio)... Uma coisa muito importante assim, sabe?” (Paulo)

“.... Eu sei que foi muito bom todo esse tempo, e a gente continua aí sempre assíduo, né? Na participação...Então aqui eu encontrei um lugar bom para que eu possa estar me sentindo muito a vontade.” (Carlos)

“Que que significa.... (silêncio). É.... tem tantos significados. É... é um sorriso, é um suspirar, é... é as lágrimas... (emocionada) É o que vocês passam para a gente, entendeu? E eu me sinto muito bem.(Iris)

“É, num sei porque...acho que tudo contribui né? Eu acho que a musicoterapia tem uma função, né? Uma função legal, uma função boa na vida. Eu acho que falar... As vezes parece assim, quando você consegue falar e racionalizar, parece que você está mostrando o que você sente. E as vezes não, você está calado e você sente de outra forma. Não sabe explicar, assim, né?” (Pedro)

Sob a ótica de Maheirie (2003), justamente por despertar intensamente a afetividade, a música parece tornar possível a ressignificação do mundo que cerca o sujeito. A autora discorre que “(...) quando se está ‘tomado’ pela emoção de uma música, os objetos à nossa volta ganham sentido e, o que parecia ser indiferente, passa a ser vivido como ‘necessário.’” (p.148). Blacking (2007) complementa com sua reflexão em que

O fazer “musical” é um tipo especial de ação social que pode ter importantes conseqüências para outros tipos de ação social. A música não é apenas reflexiva, mas também gerativa, tanto como sistema cultural quanto como capacidade humana. (p.202)

Não é a toa que outro tema presente nas entrevistas foi o da música – e musicoterapia – como um espaço transformador e ressignificador do sujeito e meio que o cerca. Em diversos depoimentos, o espaço das experiências musicais coletivas se mostrou como um agente modificador do cotidiano, um espaço de construção de novas formas de ser e estar dos participantes presentes.

“estou mais alerta ao conteúdo das letras das canções que me tocam por uma ou outra razão, buscando conteúdo e significados que

identificam e traduzem algum momento de vida que estou vivendo para melhor compreender meus próprios processos internos...”
(Milena)

“Porque o fato de ter essa coisa gostosa, que é a música, as pessoas – tem pessoas que não gostam de música e elas são pessoas tristes, mas elas esquecem que a música faz com que você pense, você voe, você consiga sorrir, é o que a música faz. E vocês que são musicoterapeutas que fazem isso para nós.” (Iris)

“Na verdade assim.. É, a gente...ééé... tem horas que sabe que tá fazendo a coisa... cê vai num show, em algum encontro que tenha música, você sabe que aquilo ali te tocou. E tem horas que você tá na vida, tá ali cantando, e aquilo fica no inconsciente, né? Alguma coisa que te somou ali...mas você não sabe exatamente o que, e não precisa ficar sabendo pra... não precisa sentir na hora para dizer “olha, isso aqui eu senti, isso aqui eu não senti, isso aqui eu senti”. Não é uma coisa racional” (Pedro)

O ambiente musical, cultural e social construído no grupo estudado pode ser considerado, então, sob a ótica de Blacking (2007), um primeiro passo para a transformação e intensificação da consciência, além de ser também o primeiro ambiente em que essa transformação ocorre – podendo depois tornar-se a transformação de formas sociais. Esse processo só é possível por ocorrer em um grupo, lugar onde constrói-se a identidade do “nós” – que, de acordo com Maheirie (2003), só se faz a partir da unificação das diferenças a favor de um projeto em comum (no caso do grupo aberto, fazer música).

Sawaia (2003) complementa este raciocínio quando discorre que

Em seus encontros com o outro, o sujeito é afetado pelos significados e elabora, a partir deles, os sentidos, num processo que não é apenas cognitivo, mas também afetivo e volitivo. Esses sentidos podem trazer emoções alegres, ativas; serem potencializadores para a ação – livre, criativa, emancipadora, ou seja, podem representar saúde; ou podem caracterizar-se como ‘potência de padecer’, que está ‘associada às emoções tristes, às idéias inadequadas e à passividade frente ao desejo do outro’. (p.169)

Assim, o grupo de musicoterapia aqui estudado pode ser considerado um espaço de encontros e construções afetivas, sociais e culturais. Esses eventos ocorreram no espaço da produção da música e no contexto coletivo. Acredita-se que as ressonâncias dessas vivências podem ser transferidas para

a vida cotidiana, influenciando nas formas de integração e assimilação dos participantes em questões pessoais e formas sociais.

GRUPOS: MUSICOTERAPIA E MARACATU

Ao se traçar um paralelo comparativo entre as dinâmicas estudadas na pesquisa de campo do maracatu e na do grupo aberto de musicoterapia, pôde-se observar a existência de temas que se encontraram, enquanto outros se distanciaram. Ressaltou, na aproximação dos dados, o fato de que embora houvesse os eventos comuns a ambos os grupos, estes foram vivenciados de maneira diferente, e em contextos diferentes, e por isso, tornaram-se únicos a cada um dos coletivos. Dessa maneira, as relações aqui apresentadas não tornam-se exclusivas de cada grupo, tornando assim possível que diferentes dinâmicas, não apresentadas neste trabalho, também estejam presentes neles.

No que se refere ao contexto nos quais os grupos estão imersos, de uma maneira geral, ambos se inserem nas complexidades político-sócio-econômicas da contemporaneidade. Isto é, não foi possível ignorar que, na sociedade atual, diversas mudanças no cotidiano das pessoas - incluindo costumes, crenças, formas de relacionar-se - acarretam consequências, principalmente nas diferentes configurações sociais e relacionais. Os papéis e estruturas familiares estão em constante modificação – com a diminuição do núcleo familiar, o distanciamento dos pais, avós, tios e outros – e as redes sociais estão se limitando, cada vez mais, ao virtual e eletrônico.

No contexto do grupo musicoterapêutico, um grupo que teve como origem a demanda de espaços para socialização, diferentes comunidades – e assim, pessoas em faixas etárias diferentes, oriundas de camadas sociais diversas, com uma multiplicidade de valores culturais - reuniam-se em um ambiente acadêmico para produzir música e, através dessa produção, reconhecerem seus próprios valores e ideais de vida.

Formou-se ali um contexto intercomunitário: não apenas uma comunidade buscando um objetivo comum, mas sim diferentes comunidades interagindo, compartilhando e descobrindo seus próprios objetivos. A partir da

música e seu potencial em reunir pessoas, diferentes modos de vida, formas de ser e estar no mundo e práticas de produção de saúde são compartilhadas. Esse compartilhar é o espaço transformador para cada sujeito participante no grupo. Quando o encontro terminava, a comunidade, ali formada através da música e das relações construídas durante o encontro, se dissolvia e apenas voltava a se constituir em um próximo encontro.

Já no grupo de maracatu, uma manifestação cultural que desde sua origem está enraizada em comunidades negras, tem como contexto específico uma comunidade com população baixa renda que sofre com a falta dos mínimos recursos de saneamento básico, fornecimento de água, coleta de lixo, policiamento, dentre tantos outros bens socioculturais, e que normalmente é definida como uma população em “situação de risco” (ou “carentes”, “menos favorecidos”, “excluídos”, etc.).

Neste contexto, a participação comunitária envolveu uma reunião de pessoas – entendendo aqui o maracatu como o próprio espaço de socialização - que, reconstruindo suas formas de relacionar-se com o outro e com o a sociedade, buscavam, no elemento cultural que se tornava comum aos participantes, uma estratégia de sobrevivência e resistência que relacionada com seus desejos, sonhos, necessidades. A finalidade pareceu ser a de viver e exercer de maneira mais plena suas cidadanias e qualidade de vida. Com isso, queremos dizer que foi a partir da cultura e de sua potencialidade para reunir as pessoas de uma mesma comunidade, que novos valores, ideias e novas possibilidades de vida surgem - como uma força que deriva da própria emergência dos potenciais desses sujeitos. Essa força tornou os indivíduos e o grupo mais resilientes, isto é, capazes de enfrentar os desafios, de produzir saúde, autoconfiança e autoestima. Além disso, reconstruiu a comunidade com novas estratégias de construção de vida.

Ambos os grupos, maracatu e grupo musicoterapêutico, são espaços permeados pela música. Porém, parece que, vivencialmente, a música tem funções diferentes nestes grupos. Enquanto o maracatu se revelou um espaço construído com base na cultura popular, na festa e no rito (isto é, como manifestação e *performance* de ritmos e canções previamente preparadas e ensaiadas), o grupo de musicoterapia se mostrou um espaço de socialização permeado pela música que emergia de forma espontânea, no momento de

compartilhamento entre os participantes. Sendo assim, a ação musical se fez presente como espaço de transformação em ambos os grupos, porém, atuando de maneira diferente a cada um.

Por espaço de transformação entende-se que a música é capaz de ressignificar a consciência do eu e “eu-em-coletivo”, sendo esse o primeiro passo para a ressignificação de formas sociais. Em ambos os grupos foi possível observar esse processo de transformação. Porém, mais uma diferença vivencial se destacou. No maracatu a *performance* é o espaço dessa transformação – *performance* essa permeada pela cultura e tradição do próprio maracatu. Isto é, o ritmo, as danças, as vestimentas, as toadas (canções de maracatu) são tradicionais e próprias daquela nação, e é nestas referências tradicionais que a *performance* é construída, tornando-se espaço transformador para aqueles que dela participam.

Já no grupo musicoterapêutico o espaço de transformação está na própria socialização por meio da música. Essa socialização por meio da música inclui o acolhimento entre os participantes, as trocas, a espera e escuta de cada um à música do outro, o compartilhar de experiências de vida. Isso caracterizou aquele grupo como um espaço terapêutico, que se apoiou na vivência coletiva musical e na emergência de músicas e canções espontâneas para a ressignificação e recriação de estratégias de vida.

Também relacionado à forma de vivência da música, outra diferença se destacou entre os grupos – a condução da vivência musical. No grupo musicoterapêutico, foi possível localizar a estruturação musical e afetiva de uma equipe de musicoterapeutas e estudantes de musicoterapia, cujo principal abordagem foi a de dar apoio às vivências dos participantes ao conduzir o encontro musicalmente, dar diretrizes para a efetivação de trocas sociais e, quando necessário, dar suporte para a expressão emocional dos participantes. Essa forma de acolhimento é característica de **dinâmicas musicoterapêuticas**, onde na verdade não há formas corretas ou erradas de expressão – o importante é a própria expressão e troca entre os participantes. Já no grupo de maracatu, a vivência musical foi conduzida pela figura de um mestre (regente de percussão), que com sua condução didática inseriu padrões estéticos próprios do maracatu (e tradicionalmente particulares daquela Nação) na *performance* percussiva. Nesse coletivo, as ações foram consideradas dentro

de padrões de certo e errado específicos daquela Nação de Maracatu. Assim, os ensaios dirigiram-se para a excelência das apresentações, e aqueles que não seguiram o padrão estético acabaram por não participar das festividades e apresentações do carnaval.

De certa forma, os eventos que caracterizaram tanto o grupo musicoterapêutico como o de maracatu parecem, em uma visão superficial, não possuírem pontos de intersecção. Vimos que neles as vivências musicais foram conduzidas de maneiras diferentes, os encontros sociais foram permeados por objetivos divergentes, as comunidades participantes também não possuíam pontos em comum. Porém, na medida em que a análise dos dados se aprofundou, foi possível visualizar a maneira como ambos os grupos, musicoterapêutico e maracatu, influenciavam as vidas daqueles que deles participavam. Destacou-se, entre os eventos estudados, a existência de um real encontro entre as pessoas envolvidas nas atividades grupais. Revelou-se que, naqueles espaços coletivos, acontecia uma efetiva troca afetiva, social e cultural, que se presentificava nas oportunidades construídas como uma possibilidade de reencontrar-se em seu cotidiano, fortalecer seus objetivos de vida, reconstruir estratégias de produção de vida, tudo isso através de uma linguagem universal: a música.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Talita; ZANINI, Claudia R. O.; SILVA, Ludmila C.; SANTOS, Roberta B. A relação dos aspectos sonoro-musicais e a dinâmica do grupo em musicoterapia. **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Curitiba, ano XIV, nº12, p.39-52, 2012. Disponível em https://docs.google.com/file/d/0B7-3Xng5XEkFSFhVWDdHQ1N1VkU/edit?usp=drive_web Acesso em 10-10-2013.

BATISTA, Carolina; CUNHA, Rosemyriam. A inserção da musicoterapia na rotina de vida de uma comunidade albergada. **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Curitiba, ano XI, n. 9, p.1-12, 2009.

BLACKING, John. Música, Cultura e Experiência. Trad. André-kees de Moraes Schouten. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 16, p. 1-304, 2007.

BRANDALISE, André. A utilização da música por musicoterapeutas e por outros profissionais, em dinâmica de psicoterapia com grupos: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Curitiba, ano XIV, nº12, p.53-66, 2012. Disponível em https://docs.google.com/file/d/0B7-3Xng5XEkFdUQ3VTBvQmp2amM/edit?usp=drive_web Acesso em 10-10-2013

BRUSCIA, Kenneth. **Definindo Musicoterapia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CELIA, Salvador. Grupos Comunitários. In: ZIMERMAN, David E.; OSORIO, Luiz C. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes médicas, p.101-106, 1997.

CUNHA, Rosemyriam.; PACHECO, Maria C. S. C. Música na Vida cotidiana. **Revista Científica FAP**, Curitiba, v.7, p. 319-334, jan./jun. 2011a.

_____. Encontros Abertos de Musicoterapia: Comunidades em interação. Texto não publicado, 2013.

_____. Bi produtos da performance musical em grupos. **Anais do XIII Fórum Paranaense de Musicoterapia**. Curitiba, vl.13, p.19-33 set/2011b.

GUERRA-PEIXE. **Maracatus do Recife**. Recife: Irmãos Vitale, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1980.

MACHADO, Naomi. CUNHA, Rosemyriam. **Resistência, sobrevivência, celebração: Maracatu de Baque-virado**. Texto não publicado, 2013.

MAHEIRIE, Katia. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 8, n. 2, p. 147-153, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a15> Acesso em: 19/08/2013.

MINAYO, Maria C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec/ABRASCO, 1992.

MINAYO, Maria C. S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: Oposição ou complementariedade? Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262,

jul/set, 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf> Acesso em: 10/04/2013.

PAVLICEVIC, Mércedès. **Groups in Music**. London: Jessica Kingsley Publishers, 2006.

PELOSI, Marly S. Apostila – Curso de Pós Graduação em Psicopedagogia. **Importância e conceituação de grupo**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. **Pesquisa Qualitativa na atenção à saúde**. Trad. Ananyr Porto Farjado. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

RUUD, Even. **Music therapy: improvisation, communication and culture**. Gislum: Barcelona Publishers, 1998.

SAKAI, Fabiane A.; MENGARDA, Edilsem. Processo grupal: Atuação interdisciplinar da musicoterapia e da psicologia com um grupo de mulheres com sequelas de acidente vascular encefálico. **Anais do IX Fórum Paranaense de Musicoterapia e VIII Encontro de Musicoterapia da FAP**. Curitiba, 2007.

SAWAIA, Bader. Affectivity as an ethical-political phenomenon and locus for critical epistemological reflection in Social Psychology. **International Journal of Psychology**, v.9, 167-210, 2003.

TRAVASSOS, Elizabeth. John Blacking ou uma humanidade sonora e saudavelmente organizada. **Cadernos de campo**, São Paulo, n.16, p.1-304, 2007.

TYLOR, Edward B. **Primitive Culture**. London: John Murray, 1871.